

## A MÚSICA NA COMPREENSÃO ESTÉTICA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

*THE MUSIC IN THE ESTHETIC UNDERSTANDING OF ARTHUR SCHOPENHAUER*

Marcos Schwengber<sup>1</sup>

Gabriel Dellandrea<sup>2</sup>

Dennys Robson Girardi<sup>3</sup>

Antônio Joaquim Pinto<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho estuda a música na teoria estética de Arthur Schopenhauer, sendo ela destacada pelo pensador como o grau mais elevado das artes. Desse modo, pretende-se compreender o que Schopenhauer argumenta acerca das artes – as quais ele divide em graus superiores e inferiores e define individualmente, problematizando como entende a música em sua teoria estética. Por isso, objetiva-se demonstrar a influência de cada arte sobre o homem na superação da vontade, possibilitando assim ao sujeito a pura contemplação da bela arte – a arte na sua essência, sem **objetivação da vontade**. Além disso, Schopenhauer defende a ideia de o mundo como vontade e como representação, conceituando vontade como aquela que impulsiona o mundo à vida, ao movimento, e que concomitantemente **é** a fonte do ciclo dos desejos, onde o homem

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: freischwengber@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela FAE Centro Universitário. *E-mail*: freigabriel7@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Tecnologia Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Licenciado em Filosofia pela FAE Centro Universitário. Pós-Graduado em Ensino da Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Coordenador-Geral de Graduação do UNICURITIBA. *E-mail*: dennys.girardi@unicuritiba.edu.br

<sup>4</sup> Orientador da pesquisa. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor no Curso de Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

pode se perder, enquanto a representação designa tudo aquilo que o sujeito vê e por ele pode ser conhecido, pondo uma **causalidade** sobre o que vê, deixando assim de ver a essência. Entretanto, Schopenhauer conclui que a música, dentre as artes, **é a pura vontade em si**, pura ideia, sem poder ser materializada. Destarte, a música **é o grau excelso da arte na teoria estética schopenhaueriana**.

Palavras-chave: Schopenhauer. Graus da Arte. Música.

## ABSTRACT

The present work approaches a song in the esthetic theory of Arthur Schopenhauer, being emphasized by the thinker as the highest degree of the arts. In this way, it is intended that the thinker argues about the arts, which he divides into degrees, defining each one in upper and lower degrees, problematizing how Schopenhauer understands a music in his esthetic theory. Therefore, it aims to demonstrate the influence of each art on man in overcoming the will, thus enabling the subject, the pure contemplation of fine art – art in its essence, without objectification of the will. Moreover, Schopenhauer defends the idea of the world as will and as representation, conceptualizing will as the one that drives the world to life, to movement, and which concomitantly is the source of the cycle of desires, where man can be lost, while Representation designates all that the subject sees and by it can be known, inserting a causality on what he sees, thus failing to see the essence. Schopenhauer, however, concludes that a song, among the arts, is a pure will in itself, a pure idea, without being able to be materialized. Hence, a song is the highest degree of art in Schopenhauer's esthetic theory.

Keywords: Schopenhauer. Degrees of Art. Music.

## INTRODUÇÃO

A música é uma arte.

Por música se entende a combinação de ritmo, melodia e harmonia, que soa de forma agradável ao sentido da audição. Ela é utilizada para expressar sentimentos e emoções e manifestar a cultura de um povo ou um período histórico. Por isso, Schopenhauer, filósofo alemão, ao se referir à música, certifica-se de que a música à qual faz alusão é a clássica.

Nesse contexto, Arthur Schopenhauer, adepto da corrente idealista pós-kantiana, desenvolve uma teoria estética, percebendo nas artes graus mais elevados ou inferiores.

Inspirado na clivagem schopenhaueriana da arte, neste artigo problematiza-se qual o grau mais elevado das artes segundo o pensamento do filósofo.

Percebe-se que o filósofo entende as artes em graus diferentes. A partir disso, lança-se como ideia inicial a tese de que a música atinge o patamar mais elevado das artes. Sendo assim, o propósito deste artigo é tratar sobre a música segundo a teoria estética de Schopenhauer.

Na tarefa de evidenciar uma melhor compreensão da tese defendida pelo filósofo (de que a música em si é o grau mais elevado de todas as artes), revela-se como imprescindível entender em que sentido a música se destaca de tal maneira. Ou seja, ela eleva quem? De que forma? Por que a música? Por isso, o artigo apresenta conceitos que fundamentam o pensamento schopenhauriano, como vontade, representação, desejo e puro sujeito do conhecimento/gênio.

Schopenhauer, em seu livro *Metafísica do belo* (2001), afirma que a arte possui vários graus, sendo estes a arquitetura e hidráulica, jardinagem, pintura, escultura, arte poética e a música. Cada grau tem um valor mais ou menos elevado, de acordo com a capacidade de cada arte desprender o homem de suas vontades.

Seguindo a colocação de seu pensamento, deseja-se fazer uma breve explanação sobre cada grau e demonstrar de que forma o puro sujeito do conhecimento atinge a contemplação do belo.

Essa contextualização da concepção estética de Schopenhauer favorece o corte metodológico deste artigo, a saber: resolver o problema que ora se propõe a partir da exposição sobre o Capítulo 17 da obra mencionada, pois nessa parte do discurso schopenhauriano patenteia-se a ideia de que a música ocupa na escala das artes o mais elevado valor, visto que é a demonstração da pura vontade – não se trata mais da vontade como desejo, mas a vontade genuína.

Schopenhauer desdobra essa sua tese nos seguintes passos: apresenta que o homem é constituído de muitas vontades e não consegue satisfazer a todas concomitantemente; evidencia que as vontades, na medida em que não podem ser satisfeitas, tornam-se causa de sofrimento para o sujeito e, por fim, indica como solução desse problema a eficácia das artes, que, em seus diversos graus, são capazes de libertar o homem. Nessa libertação do homem das vontades que, como Schopenhauer mesmo assevera, escraviza o homem, a música revela-se como a arte mais eficaz.

Entretanto, o método utilizado para a realização do trabalho é a revisão de leitura por meio da pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, que utiliza, da lavra de Schopenhauer, as obras em que são explicadas sua teoria estética. Ademais, lança-se mão também de artigos – publicados em revistas de Filosofia – que se estruturam como comentários àquilo que o pensador evidencia sobre as artes, especialmente no que tange à música.

## **1 PRINCIPAIS IDEIAS DO PENSAMENTO DE ARTHUR SCHOPENHAUER**

O intento de uma melhor compreensão da teoria estética de Schopenhauer demanda identificar a relação do autor com o pensamento de Kant. Por sua vez, imprescindível se torna a tarefa de distinguir e elucidar alguns conceitos relevantes e fundamentais da filosofia schopenhaueriana.

### **1.1 NOÇÕES PRELIMINARES**

Schopenhauer é enquadrado dentro do sistema da filosofia como adepto da corrente idealista pós-kantiana. Ele foi considerado por Jair Barbosa como “o primeiro filósofo do Ocidente a propor uma intersecção visceral entre a filosofia oriental (budismo, pensamento vedanta) e a filosofia ocidental de inspiração platônico-kantiana” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 12).

De inspiração declaradamente kantiana, a colocação de pensamento de Schopenhauer é uma explicitação da grandeza de Kant para a filosofia. Numa analogia presente no Prefácio à primeira edição, Schopenhauer (2005, p. 22) relaciona que o que foi proposto pelo seu compatriota é como uma cirurgia de catarata em um cego. Porém, o autor se coloca na posição de anexar na operação um par de óculos. Ou seja, ele pretende esclarecer e purificar o que há de verdadeiro e maravilhoso na doutrina kantiana. Além disso, ele quer repreender os erros significativos cometidos por Kant.

É dentro deste contexto que Schopenhauer se coloca fora da análise da investigação kantiana, embora não se possa compreender a filosofia schopenhaueriana sem fazer alusão a Kant. Neste sentido, é conveniente lembrar que, no fundo, Schopenhauer, tal como Kant, objetivou atingir um sistema único de pensamento dando conta da totalidade do mundo e do homem. Desta maneira, ele pensou ter superado o pensamento kantiano (GONDIM, 2009, p. 7).

## 1.2 O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

A superação de Schopenhauer se comprova em sua contribuição à filosofia ao cunhar e refletir uma categoria fundamental como “representação”, descrita como tudo aquilo que o sujeito vê e que pode ser conhecido.

Verdade alguma é, portanto, mais certa, mais independente de todas as outras e menos necessitada de uma prova do que esta: o que existe para o conhecimento, portanto, o mundo inteiro, é tão somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Tratou-se da palavra **sujeito**, que, para Schopenhauer, é o sustentáculo do universo. Ele possui corpo, que é o intermédio da relação. Por isso, tudo tem razão de ser para ele. Kant também apresenta essa ideia, trazendo a relação sujeito-objeto. Todavia, no pensamento schopenhaueriano, o sujeito é aquele que vê e sente. Um homem vê e sente, um cachorro vê e sente, mas o homem possui razão, e tudo possui um fazer-efeito, razão de ser. Assim, o homem é capaz de intuir, conhecer. Nessa ideia de que tudo possui uma razão de ser, Schopenhauer exalta a causalidade, apresentada nas formas do entendimento de Kant, e se refere a ela como princípio de razão de ser.

Aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém é o **sujeito**. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece, de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. Cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto do conhecimento (SCHOPENHAUER, 2005, p. 45, grifo do autor).

Denota-se, assim, que o conhecimento para o sujeito se dá nas condições de possibilidade a *priori* dos fenômenos no de espaço e tempo. No caso do espaço, é condição de possibilidade de manifestação dos fenômenos como intuição externa. Um espaço é necessário e universal, de modo que o fenômeno acontece somente se há um espaço. Por mais que haja um espaço vazio, continua sendo espaço, de modo que o que é não pode ser fora dele e nem antes dele, por que ele é a *priori*, e o fenômeno, por só poder ser no espaço, é a *posteriori*. O tempo é a *priori* porque nada pode ser fora dele ou antes dele. Ele, por sua vez, é intuição subjacente interna. O tempo, bem como o espaço, é também universal e necessário. A causalidade une essas duas dimensões, onde as representações somente são possíveis no mundo fenomênico, como no pensamento kantiano.

Tempo e espaço, entretanto, cada um por si, são também representáveis intuitivamente sem a matéria. Esta, contudo, não o é sem eles: a forma, que lhe é inseparável, pressupõe o **espaço**. O fazer-efeito da matéria, no qual consiste toda a sua existência, concerne sempre a uma mudança, portanto a uma determinação de tempo (SCHOPENHAUER, 2005, p. 50, grifo do autor).

### 1.3 VONTADE

Outra categoria fundamental do pensamento schopenhauriano é **vontade**, a saber: “coisa em si”, ligada à essência das coisas, o “númeno” no pensamento de Kant.

Consideramos no livro primeiro o mundo como mera **representação**, objeto para um sujeito. Em seguida, complementamos essa consideração mediante o conhecimento do outro lado do mundo, encontrado na **vontade**, que é a única coisa que o mundo revela para além da representação, ou seja, como a coisa-em-si. Em conformidade com isso, nomeamos o mundo visto como representação, tanto em seu todo quanto em suas partes, **objetividade da vontade**, ou seja, Vontade que se tornou objeto, isto é, que se tornou representação (SCHOPENHAUER, 2005, p. 235, grifo do autor).

Daí é dado concluir que, para Schopenhauer, tudo possui vontade: a vontade de vida. Um exemplo disso é a expansão da planta, o desenvolvimento do corpo humano e a pedra que em milhões de anos também vai se expandindo. Ou seja, há um puro movimento, como disse Heráclito (1991).

A vontade que, considerada puramente em si, destituída de conhecimento, é apenas um ímpeto cego e irresistível – como a vemos aparecer na natureza inorgânica e na natureza vegetal, assim como na parte vegetativa de nossa própria vida – atinge, pela entrada em cena do mundo como representação desenvolvida para o seu serviço, o conhecimento de sua volição e daquilo que ela é e quer, a saber, nada senão este mundo, a vida, justamente como ela existe. Por isso denominamos o mundo fenomênico seu espelho, sua objetividade; e como o que a Vontade sempre que é a vida, precisamente porque esta não é senão a exposição daquele querer para a representação, é indiferente e tão somente um pleonasma se, em vez de simplesmente dizermos “a Vontade”, dizemos “a Vontade de vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 357-358).

Schopenhauer, baseando-se no pensamento platônico, determina que cada elemento possui uma divisão por graus, onde há, de um lado, a matéria e, de outro, a ideia pura. Para a materialização da ideia, o filósofo chama de **objetivação da vontade**. A ideia é o em si do mundo, assim a vontade deseja atingir o em si do mundo.

Como diz Rodrigo Amorim sobre a tematização da vontade, “ela está em tudo e em todos, sendo a realidade imanente que desenvolve todo o real empírico. Dessa forma, tudo é explicado a partir da força geral que é a Vontade” (BRANCO, 2011, p. 34).

No entanto, mesmo que tudo seja desdobramento da vontade, ou seja, mesmo que tudo busque vida, expansão, há graus que dividem os elementos. Por exemplo, homens, animais, vegetais e pedras. O maior grau de todos é a ideia pura, a vontade, que é aquela que o homem busca. Assim, o homem tem na sua essência o desejo, que, para Schopenhauer, nunca é satisfeito – o homem possui até mesmo o desejo da prole, de ver seus sucessores. O filósofo ilustra que um desejo satisfeito é como dar uma migalha a um mendigo hoje. Amanhã ele pedirá novamente, e assim sucessivamente, pois o desejo nunca é totalmente superado.

Não há nada no mundo capaz de apaziguar a vontade, nem fixa-la dum modo duradouro: o mais que se pode obter do destino parece sempre uma esmola, que se lança aos pés do mendigo, que só conserva a vida hoje para prolongar o seu tormento amanhã. Assim, enquanto estamos sob o domínio dos desejos, sob o império da vontade, enquanto nos abandonamos às esperanças que nos acometem, aos temores que nos perseguem,

ele não é para nós nem repouso nem felicidade amável (SCHOPENHAUER, 1951, p. 111).

A liberdade do homem, portanto, é negativa, uma vez que mesmo podendo escolher muitas opções, acaba escravizando-se na vontade. Por isso o termo **causalidade**, ou seja, o homem é quem dá significado, razão para as coisas. Dessa forma, o humano não deixa as coisas serem em si, mas ele dá uma razão para algo ser, ou seja, objetivação da vontade, que é o fenômeno, a representação, que se dá no espaço e tempo.

O ser humano, desde priscas eras, caracteriza-se pela intensa força desiderativa que se manifesta nas suas ações e aspirações existenciais. O desejo, assim, se configura talvez como uma tendência que representa a própria condição humana em sua trajetória vital, estimulando cada pessoa a satisfazer seus ímpetos independentemente das circunstâncias e dos meios necessários para tanto (BITTENCOURT, 2014, p. 92).

Manifesta-se, concomitantemente, outra grande diferença do pensamento de Kant, onde o filósofo defende que não se atinge a “coisa-em-si”, o númeno. Shopenhauer argumenta que o homem é capaz de atingir a vontade, negando a vontade de vida que somente leva ao ciclo dos desejos. Dessa forma, há quatro passos para negar a vontade de vida.

O primeiro pode começar com a pergunta: o que gera a vontade? A dor. O mundo é sofrimento, é dor. E esta é a condição de o homem sentir algo, pois se tudo fosse entregue às vontades, o indivíduo sempre permaneceria no ciclo dos desejos.

Trabalho, tormento, desgosto e miséria tal é sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os homens. Mas se todos os desejos, apenas formados, fossem imediatamente realizados, com que se preencheria a vida humana, em que se empregaria o tempo? Coloque-se esta raça num país de fadas, onde tudo cresceria espontaneamente, onde as calhandras voariam já assadas ao alcance de todas as bocas, onde todos encontrariam sem dificuldade a sua amada e a obteriam o mais facilmente possível, – ver-se-ia então os homens morrerem de tédio, ou enforcarem-se, outros disputarem, matarem-se, e causarem-se mutuamente mais sofrimentos do que a natureza agora lhes impõe (SCHOPENHAUER, 1951, 10).



O segundo passo é descobrir qual o sentido da dor, do desejo. Conhecer a causa da dor. Schopenhauer apresenta que essa causa é o viver deliberado dos sentidos. Assim, a vida toma uma característica prazerosa se somente nos limitamos aos desejos. Como já foi visto, estes são viciantes e efêmeros. A causa da dor é então reconhecer que o sofrer é o caminho de dirimir a vontade.

Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado é o ser, mais sofre! A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida! A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente pelos séculos dos séculos, até que o nosso planeta se faça em bocados (SCHOPENHAUER, 1951, p. 31).

O terceiro passo faz parte da ética schopenhauriana. Somente quando o indivíduo conhece a dor do outro que ele entende a causa da dor. Assim, faz-se sentir o mal-estar da compaixão. Por isso o filósofo é conhecido por esta ética da compaixão, onde não existe amor sem sacrifício.

[...] o que pode mover a bons atos, a obras de amor é sempre e tão somente o **conhecimento do sofrimento alheio**, compreensível imediatamente a partir do próprio sofrimento e posto no mesmo patamar deste. Daí, no entanto, segue-se o seguinte: o amor puro, em conformidade com a natureza, é compaixão; e o sofrimento que ele alivia, ao qual pertence todo desejo insatisfeito, tanto pode ser grande quanto pequeno (SCHOPENHAUER, 2005, p. 477, grifo do autor).

O quarto passo então é o da libertação do ciclo dos desejos, e isso Schopenhauer entende como Nirvana, ascese, ou seja, contemplar as coisas sem elas precisarem possuir causalidade, razão, causa-efeito, mas serem belas. Por isso, Schopenhauer possui até uma expressão chamada “olho cósmico” que contempla tudo, destituído de qualquer vontade, e percebe que tudo é belo e está conectado.

Cabe ressaltar que a grande sabedoria de vida não reside na destruição dos objetos que são a fonte inflamada dos desejos humanos, mas na capacidade de se usufruí-los sem qualquer apego identitário, ou mesmo no desinteresse em relação ao fato

de se vir a possuí-los e gozá-los. Com efeito, a libertação humana sobre o reclame dos desejos não se dá suprimindo seus efeitos, mas eliminando as suas causas, e estas são interiores ao âmago humano (BITTENCOURT, 2014, p. 101).

O sujeito que contempla o belo é destituído de toda vontade e atinge em si o ser das coisas, isto é, torna-se o homem puro que atinge a coisa pura, gerando unidade. Por isso, o seu olhar é para a ideia e desinteressado, contemplando verdadeiramente o belo. Nesse sentido, ambos são puramente ideia, assim as coisas não possuem mais causalidade. Por isso, as coisas voltam a serem ideias. Dessa forma, Schopenhauer é enquadrado como parte da filosofia idealista pós-kantiana.

## 2 OS GRAUS DA ARTE NO PENSAMENTO DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Na obra *Metafísica do belo* (2001), de Schopenhauer, a arte está dividida em graus, do mais inferior ao mais elevado. No que segue, apresentar-se-á, a partir de sua sequência crescente, cada grau elaborado pelo filósofo moderno mencionado.

### 2.1 ARQUITETURA E HIDRÁULICA

A arquitetura, para Schopenhauer, apresenta duas considerações distintas. Ora é puramente direcionada à satisfação de uma vontade do indivíduo, servindo a ele em suas necessidades, ou seja, “sempre que esses são casas de se viver, proveem lugar e habitação para nossas pessoas, como nossos corpos abrigam nossos espíritos” (ALDRICH, 1969, p. 81); ora entra em destaque tendo como fim ela mesma, caracterizada esteticamente como bela arte.

A arquitetura é em primeiro lugar uma ocupação utilitária, que serve à necessidade, devendo nos proporcionar teto e abrigo. Nesse sentido, ela está inteiramente a serviço da Vontade, isto é, serve aos fins da *vontade* humana, não ao conhecimento nele mesmo. A este ela se apresenta com sua segunda característica, quando entra em cena como bela arte e não tem nenhum outro fim senão o estético (SCHOPENHAUER, 2001, p. 128).

O filósofo deixa de lado a primeira consideração e se interessa apenas pela segunda, pois ela é possibilidade de conhecimento estético, trazendo à intuição as ideias que constituem os graus mais baixos da objetivação da Vontade, representados como a gravidade, coesão, resistência e dureza (SCHOPENHAUER, 2001, p. 129).

Ademais, vale ressaltar que a obra arquitetônica deve ser contemplada como um todo, constituinte de várias partes, modelos e formas separadamente, mas que cada parte possui uma finalidade essencial na composição do todo. “A beleza repousa na finalidade evidente e imediata de cada parte para a composição das partes próximas e, de modo imediato, para a composição do todo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 131).

Essa compreensão de totalidade de tal modo procede que, quando uma obra arquitetônica está acabada, tudo o que há nela faz parte do todo, de modo que na carência de uma parte, por mais insignificante que possa ser, o todo perde a beleza que o constitui. Segundo Schopenhauer (2001, p. 131), “cada parte tem de possuir, segundo sua posição, grandeza e forma, uma proporção tão necessária que, tanto quanto possível, caso alguma parte fosse removida, o todo desmoronaria”.

## 2.2 JARDINAGEM E PINTURA DE PAISAGEM

A jardinagem e a pintura de paisagem têm em comum o belo da natureza, dos vegetais. É a partir daí que se pode fazer uma pintura ou organizar um jardim.

A jardinagem não pode fazer muito além de arrumar o que já existe, ou seja, ela apenas organiza de modo **objetivo** ou **subjetivo** os jardins. “O belo que a jardinagem exhibe pertence quase exclusivamente à natureza” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 149).

A jardinagem **objetiva** é apresentada como sendo inglesa, porque ela é por ela mesma, com pouca intervenção do homem. Enquanto a jardinagem **subjetiva** dos franceses possui uma intervenção na qual o homem geometriza o jardim, impondo sua intenção.

## 2.3 PINTURA DE ANIMAIS

Seguindo de forma ordenada os graus da arte elaborados por Schopenhauer, a pintura de animais é ainda mais elevada do que a pintura de paisagens. “Ela expõe os animais de todas as espécies, mais frequentemente os quadrúpedes e os pássaros, [...] caças, cavalos montados, bem como a luta dos animais entre si ou contra os homens” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 155).

O pensador também afirma que das ações e movimentos dos animais, ou seja, da natureza deles, pode-se tirar uma lição enriquecedora, pois o homem enxerga-se a si mesmo nos animais como num espelho.

## 2.4 PINTURA HISTÓRICA E ESCULTURA

Neste grau há uma diferença significativa do anterior, apesar de também se tratar de pintura. Aqui a pintura e a escultura estão referidas ao homem, de modo que somente ele pode expressar particularmente o belo.

Os homens, diferentemente dos animais, possuem caráter individual, ou seja, um homem sozinho não representa toda a sua espécie ou humanidade. Conforme afirma Schopenhauer: “[...] daí separar-se, na exposição do homem pela pintura e escultura, o caráter da espécie do indivíduo: o primeiro chama-se então ‘beleza’, no sentido objetivo, e o segundo conserva o nome ‘caráter’ ou ‘expressão’” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 160).

Além do caráter, Schopenhauer descreve beleza e graça. Sendo que a primeira é capaz de atrair e arrebatar a visão de uma pessoa mais do que qualquer objeto, de modo que isso ocorre instantaneamente, elevando a pessoa sobre ela mesma. A beleza aqui deve ser entendida enquanto objetivação adequada da vontade, ou seja, a beleza humana se assemelha mais com uma ideia de perfeição do belo. A segunda, a graça, é afirmada como dinamicidade (2001, p.160).

A graça, por consequência, reside no fato de cada movimento e posição serem executados da maneira mais adequada, espontânea e confortável possível, sendo assim a exata e correspondente de uma intenção ou do ato da vontade, sem nada de superficial (SCHOPENHAUER, 2001, p. 165-166).

## 2.5 ARTE POÉTICA

A poesia é outro ponto destacado por Schopenhauer como um grau da arte. O poeta é um homem universal e representa a partir de suas próprias intuições e fantasias a humanidade toda. Desse modo, apesar de serem fantasias que humanamente inexistem, o poeta escreve de forma que pareçam tão reais como se existissem.

Mas, do modo mais maravilhoso, esse dom é empregado quando nos permite intuir coisas que não conhecemos na efetividade – porque não se encontram na natureza – e, portanto, o poeta mesmo também não as viu; contudo, ele as escreve de tal maneira que sentimos serem possíveis, de tal modo que teriam de se parecer assim e não diferentemente (SCHOPENHAUER, 2001, p. 198).

Um poeta que segue essa perspectiva é Dante Alighieri. Seu famoso poema *A divina comédia* (1955), apesar de se tratar de valores medievais, não deixou de ser ainda hoje compreendida como uma grande obra. Dante a dividiu em três partes: inferno, purgatório e paraíso. Segundo Schopenhauer (2001, p.198), “Dante nos permite ver coisas inimagináveis, como em sonho; elas nos iludem justamente assim. É como se ele tivesse sonhado cada um de seus cantos, à noite, e os escritos pela manhã, tão impregnados estão da verdade onírica”.

Por mais que os poetas escrevam sobre conceitos abstratos e fantasiosos, eles os descrevem de forma que arrastam o sujeito para fora de sua vontade, fazendo-o imaginar e criar a partir daquilo que o poeta escreve, independentemente se for comédia, tragédia ou drama. Por isso, “A poesia também tem a finalidade de manifestar as ideias, os graus de objetivação da vontade, comunicando-as aos ouvintes com a distinção e a vivacidade mediante as quais a mente poética as apreende” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 193).

Como o grau mais elevado da bela arte, Schopenhauer classifica a música. Acerca desta temática, principal enfoque deste artigo, dedicar-se-á o próximo item. Assim, serão demonstrados os argumentos a respeito da primazia da música sobre as demais artes segundo o pensamento do filósofo alemão em questão.

### **3 A MÚSICA COMO GRAU MAIS ELEVADO DA ARTE NA PERSPECTIVA SCHOPENHAURIANA**

Nesse enfoque dos graus da arte, vale ressaltar que se há uma graduação deles, há o grau primeiro, ou melhor dizendo, o grau mais elevado numa escala. Nesse sentido, Schopenhauer acredita que a música ocupa o grau mais elevado da arte.

Que se gaste tempo e dinheiro, antes, indo a óperas e concertos. É sem dúvida incomparavelmente mais nobre e proveitoso quando quatro pessoas se sentam para a audição de um quarteto do que quando se sentam para uma partida de baralho (SCHOPENHAUER, 2001, p. 241).

Essa afirmação é explicada pelo próprio autor quando ele diferencia a música das demais artes, afirmando que ela se encontra de maneira dessemelhante daquilo que é exposto como característica nos demais graus. Dessa forma, as demais manifestações artísticas se utilizam de recursos materiais para a execução e inspiração.

Lançando mão de exemplos, pode-se dizer que enquanto os demais graus precisam de algo material para sua inspiração, a música acontece na pura ideia. Por exemplo, na pintura é necessário um exemplar material daquilo que será pintado para haver uma base; esse exemplar pode ser uma planta ou um animal.

Diferentemente, a música se estabelece a partir da pura ideia. Nela não há a possibilidade de se reproduzir de forma repetida, mas manifesta a pura vontade. Dessa forma, Schopenhauer a compreende como um grau que até extrapola o mundo intuitivo, por seu caráter universal e presente no homem em sua essência, ou seja, ela já está intrínseca na ideia do ser humano. Assim afirma propriamente o autor sobre tal grau mais elevado:

Conhecemos nela não a cópia, repetição de alguma Ideia das coisas do mundo. No entanto, é uma arte a tal ponto elevada e majestosa, que é capaz de fazer efeito mais poderoso que qualquer outra no mais íntimo do homem, sendo por inteiro e tão profundamente compreendida por ele como se fora uma linguagem universal, cuja compreensibilidade é inata e cuja clareza ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo (SCHOPENHAUER, 2001, p. 227-228).

Esta imaterialidade da música é exposta pelo autor de forma intensa. Schopenhauer (2001, p. 229) “apresenta a música como a cópia de um modelo que, ele mesmo, nunca pode ser trazido à representação. [...] só posso apresentá-la como uma hipótese [...]”. Ou seja, a música é de tal forma incrustada na essência da pura vontade que o mundo, enquanto a manifestação da música, já se dá a partir desta.

Compreendemos a partir deste conceito schopenhaueriano que todas as artes são cópias de ideias, mas a música é a cópia da própria vontade, sendo assim, a música é capaz de gerar ideias para as outras artes, já o processo inverso seria impossível (OLIVEIRA, 2013, p. 45).

Nesse contexto, o mundo se manifesta a partir dos fenômenos das ideias da pura vontade. Schopenhauer entende isso de forma clara ao dizer que o mundo é vontade e representação. Desse modo, como foi abordado anteriormente, se a música vai além das ideias, então ela se faz presente até mesmo quando a ideia se manifesta na pura vontade.

Por isso, o autor realiza uma analogia entre ideia e música. A ideia é pura quando existe na imaterialidade. Nesse sentido, é possível perceber a influência platônica no pensamento schopenhauriano:

Ao elaborar a teoria das ideias, Platão funda o dualismo ontológico: doravante, será preciso sempre considerar a realidade como pertencente a uma ordem dividida. De um lado, há o que pertence ao sensível, às aparências, e que não possui um *status* de realidade degradado, porque é múltiplo e mutável. De outro lado, há as ideias, o inteligível, o único que pode, por sua própria unidade e sua identidade, ser qualificado de ser verdadeiro. O sensível tira sua pouca realidade da sua participação nessa realidade suprema que as ideias representam (ROGUE, 2005, p. 86, grifo do autor).

Nesse enfoque idealista, Schopenhauer comunga dessa afirmação sobre a ideia. A materialização é também imperfeição da ideia. Assim, a música é como a ideia, ela é pura vontade e dessa forma não se manifesta materialmente.

Sendo assim, Schopenhauer acredita que os tons em uma música representam os graus da objetividade. As tonalidades mais graves da harmonia representam aquilo que está na inferioridade da música – o que Platão entenderia pelos seres mais brutos da natureza. As vozes mais altas, dentro dessa dinâmica, ocupam aquelas que se aproximam mais da pura ideia do grau mais elevado da arte – nessa realidade, na ótica platônica, estão os reinos vegetais e animais.

Assim como a ideia, que embora imaterial, se manifesta em participação na matéria, para Schopenhauer também a música ocupa um grau supremo, que existe mesmo sem a matéria existir, por ser “cópia imediata da própria Vontade. Em consequência, poder-se-ia denominar o mundo tanto música corporificada quanto Vontade corporificada” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 235).

De acordo com essa dinâmica de divisão de vozes – altas e baixas – explicitadas pelo próprio autor, deve-se continuar a reflexão acerca de tal realidade e perceber que para ele a música ocorre no seu produzir efeito verdadeiro, quando se dá num ajustamento completo entre as vozes supracitadas. Por isso, o autor deixa claro que “a música, que é uma cópia imediata da vontade, não pode produzir seu efeito somente pela simples melodia da voz alta, mas antes só é perfeita na **harmonia** completa” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 239, grifo do autor).

A música, como arte suprema, paira acima de todas as demais, pois é a “linguagem direta da coisa-em-si”. Haveria uma analogia direta entre música e mundo, que vai dos sons graves até os agudos, de forma que o baixo é, na harmonia, o que no mundo é a natureza inorgânica, e equivale à massa planetária sobre a qual tudo se assenta e a partir da qual tudo se eleva e desenvolve (BARBOSA, 2012, p. 241).

Dessa maneira, a música atinge o em si do mundo, ou seja, a essência de todas as coisas. Ademais, sendo o homem, para Schopenhauer, pura vontade e a música o grau mais elevado da objetivação da vontade, ela atinge diretamente o homem, essencialmente feito vontade.

Dentro disso, como a música está no em si do mundo, ela também se apresenta na filosofia. O filosofar, na ótica de Schopenhauer, se dá quando se exprime conceitos, como a música exprime os mais variados tons. Embora a especulação filosófica e a música possuam linguagens diferentes, “*Musica est exercitium metaphyses oculum nescientis se philosophari animi.*”<sup>5</sup> Pois *scire*, saber, sempre significa ter transferido para conceitos abstratos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 238).

Dentro dessa dinâmica, nesse idealismo que compara a música como vontade, o filósofo alemão a materializa a partir da escuta dela. Por isso, ele argumenta que é necessário formar-se gradualmente pelo espírito, a fim de contemplar puramente o grau mais excelso de sua teoria estética.

A audição de uma música bela, plena de vozes, é por assim dizer um banho do espírito, que remove todas as impurezas, tudo o que é diminuto, ruim; cada um concorda aí no grau espiritual mais elevado que sua natureza lhe permite; [...] Assim, também a música exige bastante formação, pois apenas gradualmente, e por exercício do espírito, se aprende a combinar e conceber simultânea e rapidamente tantos tons variados (SCHOPENHAUER, 2001, p. 240-241).

Portanto, finaliza-se assim na obra *Metafísica do belo* (2001) a hierarquia dos graus da arte elaborados por Schopenhauer. Desse modo, como a música é o ponto mais elevado da arte como superação da vontade, ela é a maior e mais imediata curadora dos sofrimentos do homem causados pela vontade.

---

<sup>5</sup> A música é um exercício oculto de filosofia, no qual a mente não sabe que está filosofando.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música, por ser uma arte, envolve o homem através de seus sons e ritmos. Essa manifestação artística se faz presente nas mais variadas culturas. Por isso, compreender sua manifestação é estar a par de conhecer aquilo que está mais intimamente próximo do humano. Sendo assim, fez-se necessário refletir sobre a música para perceber o que ela possui de essencial, apesar da sua grande multiplicidade de estilos.

Neste artigo, buscou-se investigar, através do pensamento de Schopenhauer, sobre a temática musical. Fez-se necessário destacar alguns elementos centrais de seu pensamento. Por isso, um dos conceitos-chaves desse autor é a ideia de mundo como **vontade** e como **representação**.

O primeiro termo, resumidamente, é aquele que impulsiona o mundo à vida, o movimento. Porém, ele também é a fonte do ciclo dos desejos, em que o homem pode se perder. Ele só se desgarra desse movimento cíclico na medida em que se abstém da volição para buscar ver a essência das coisas, a ideia pura.

O segundo termo designa tudo aquilo que o sujeito vê e por ele pode ser conhecido. Por essa razão, o sujeito contempla o objeto e a ele põe uma causalidade, deixando de ver assim a essência dele.

Dentro dessa dinâmica, para que o sujeito possa sair do ciclo dos desejos, Schopenhauer propõe que a arte seja um instrumento de elevação. Por isso, o filósofo destaca a música como o grau mais elevado das artes. Além disso, menciona outros graus que elevam o espírito, mas se limitam por se basearem na materialidade.

Nesse contexto, a música expressa a objetivação da vontade, ou seja, ela não é cópia de algo, mas é a pura vontade em si. Dentro disso, é importante perceber que ela não se baseia em algo material para poder constituir-se, mas pertence à pura ideia da forma.

Destarte, é visível que não é possível abranger toda esta temática acerca da música, das artes e da estética propriamente dita de Schopenhauer. Por isso, numa próxima elaboração que abarque este tema, seria importante aprofundar a manifestação dessa arte nas diversas culturas, percebendo a riqueza que há em cada estilo musical.

Dentro disso, poderá ser válido demonstrar que, embora de formas diferentes, a música possui uma essência que se expressa mesmo no seu mistério e na sua dinâmica de se recriar em novas culturas, sem deixar de ser ela mesma, a música.

## REFERÊNCIAS

ALDRICH, V. C. **Filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

BARBOSA, J. Filosofia e música: a inflexão conceitual no pensamento de Schopenhauer e a música de Brahms. **Arte e Filosofia**, Ouro Preto, v. 1, n. 12, p. 229-244, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/588/544>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

ALIGHIERI, D. **A divina comédia**. Tradução de José P. X. Pinheiro. São Paulo: Atena, 1955.

ANAXIMANDRO; PARMÊNIDES; HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BRANCO, R. A. C. **Reflexões acerca do fenômeno e da coisa em si**: colóquio entre Kant e Schopenhauer. 82 f. Monografia (Graduação em Filosofia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1187/1/TCC%20RodrigoAmorim.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2015.

BITTENCOURT, R. N. O sofrimento da insatisfação dos desejos e a sedução da sociedade de consumo. **Voluntas**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 92-109, 1º sem. 2014. Disponível em: <[http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v5-n1-1-2014-art5-bitterncourt\\_renato\\_nunes.pdf](http://www.revistavoluntas.com.br/uploads/1/8/1/8/18183055/v5-n1-1-2014-art5-bitterncourt_renato_nunes.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2015.

GONDIN, E. Rawls: crítica de Shopenhauer a filosofia kantiana. **Nómadas**, Madrid, v. 22, n. 2, p. 423-442, fev. 2009. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/nomadas/22/elnoragondin.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2015.

OLIVEIRA, S. A metafísica da música em Schopenhauer e Richard Wagner. **Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, v. 1, n. 10, p. 40-53, jan./jun. 2013. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/porta2-repositorio/File/art4-rev10\(1\).pdf](http://www.ufsj.edu.br/porta2-repositorio/File/art4-rev10(1).pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2015.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. **As dores do mundo**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1951.

\_\_\_\_\_. **Metafísica do belo**. São Paulo: UNESP, 2001.